

Apoio



GOVERNO DO  
ESTADO DO CEARÁ  
Secretaria da Cultura

Realização



GOVERNO DO  
ESTADO DO CEARÁ  
Secretaria da Educação



Este livro integra a Coleção Juvenil MAIS PAIC MAIS LITERATURA, composta de crônicas, contos, novelas, romances, cordéis e poesias. Escrita e ilustrada por autores do Ceará, ela traz aventuras desafiadoras, existenciais, em cenários da cultura e da história local. Sua temática constitui estímulo a mais para se ler e dialogar nos Clubes de Leitura dos 8º e 9º anos das escolas públicas do Ceará.

Saiba mais: <http://www.paic.seduc.ce.gov.br>

ISBN 978-85-8171-235-2



9 788581 712352

VENDA PROIBIDA

Frederico Brito  
Ilustrações Alexandre Jales

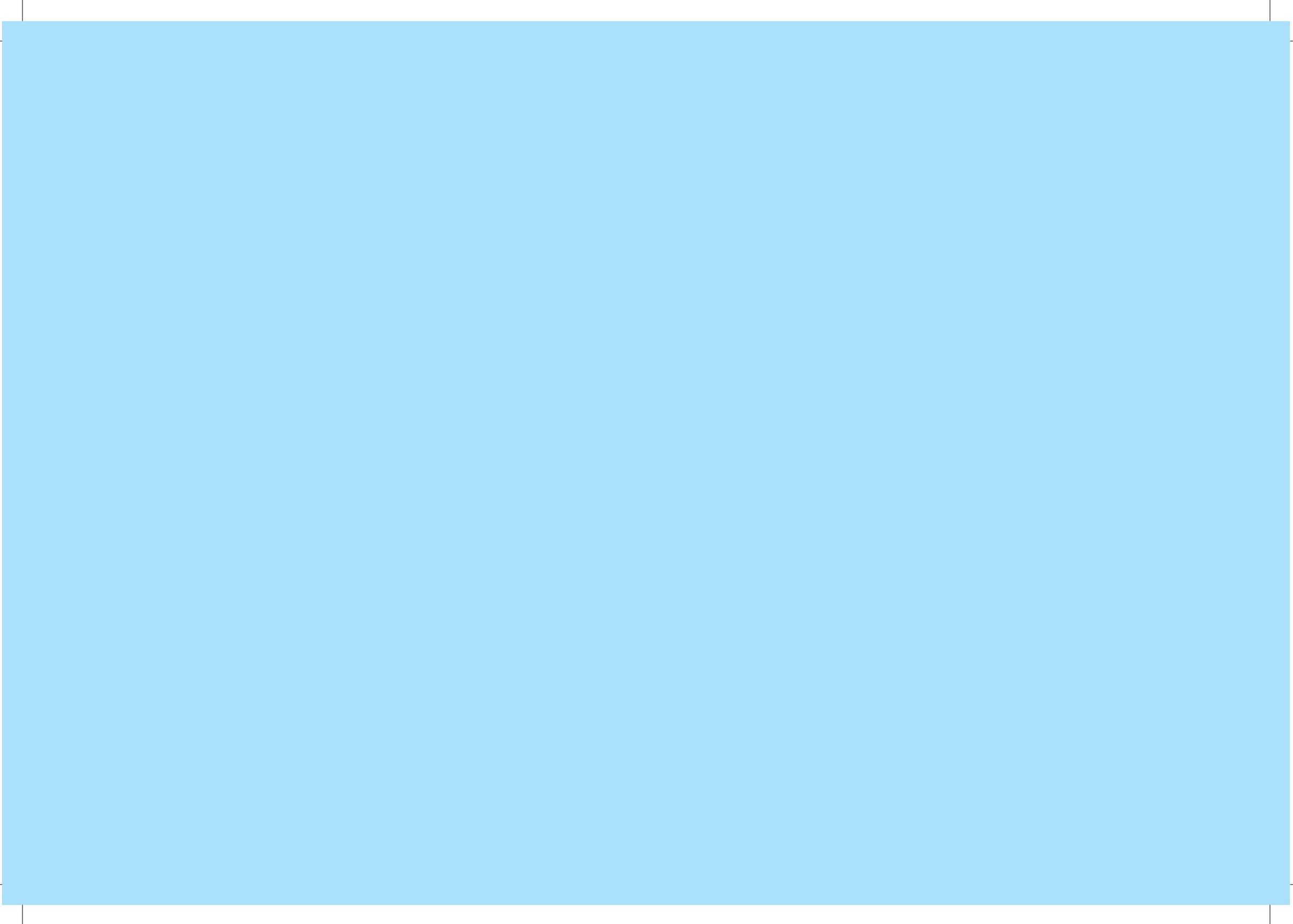


Terra da Luz:  
Poesia que seduz



GOVERNO DO  
ESTADO DO CEARÁ  
Secretaria da Educação







Frederico Brito  
*Ilustrações Alexandre Jales*

# Terra da Luz: Poesia que seduz



GOVERNO DO  
ESTADO DO CEARÁ  
*Secretaria da Educação*

Fortaleza • Ceará

Copyright © 2018 Frederico Brito  
Copyright © 2018 Alexandre Jales

*Governador*  
**Camilo Sobreira de Santana**

*Vice-Governadora*  
**Maria Izolda Cela de Arruda Coelho**

*Secretário da Educação*  
**Rogers Vasconcelos Mendes**

*Secretária-Executiva da Educação*  
**Rita de Cássia Tavares Colares**

*Coordenador de Cooperação  
com os Municípios (COPEM)*  
**Márcio Pereira de Brito**

*Orientadora da Célula  
de Apoio à Gestão Municipal*  
**Gilgleanne Silva do Carmo**

*Orientador da Célula  
de Fortalecimento da Aprendizagem*  
**Idelson de Almeida Paiva Júnior**

*Orientadora da Célula  
do Ensino Fundamental II*  
**Ana Gardennya Linard Sírio Oliveira**

*Coordenação Editorial,  
Preparação de Originais e Revisão*  
**Kelsen Bravos**

*Projeto e Coordenação Gráfica*  
**Daniel Dias**

*Design Gráfico*  
**Emanuel Oliveira**  
**Eduardo Azevedo**

*Revisão Final*  
**Marta Maria Braide Lima**  
**Sammya Santos Araújo**

*Conselho Editorial*  
**Maria Fabiana Skeff de Paula Miranda**  
**Sammya Santos Araújo**  
**Antônio Êlder Monteiro de Sales**  
**Sandra Maria Silva Leite**  
**Antônia Varele da Silva Gama**

*Catálogo e Normalização*  
**Gabriela Alves Gomes**

*Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)*

B862t Brito, Frederico.

Terra da luz: poesia que seduz / Frederico Brito; ilustrações de Alexandre Jales. - Fortaleza: SEDUC, 2018.

56p. il.

ISBN 978-85-8171-235-2

1. Literatura infantojuvenil. I. Jales, Alexandre. II. Título.

CDU 028.5



**GOVERNO DO  
ESTADO DO CEARÁ**  
*Secretaria da Educação*

**SEDUC - Secretaria da Educação do Estado do Ceará**  
Av. Gen. Afonso Albuquerque Lima, s/n - Cambeba  
Fortaleza - Ceará | CEP: 60.822-325  
(Todos os Direitos Reservados)

*Para meus filhos Lauro, Theo e Benício.  
Para minha esposa Thais.  
Para o povo cearense.*



# **SUMÁRIO**

**QUADRAS POÉTICAS - 06**

**SONETOS - 17**

**TROVAS - 23**

**HAICAIS - 31**

**VERSOS LIVRES - 35**

# **QUADRAS POÉTICAS**

## A MENINA E O REALEJO

Pequena era a cidade,  
moça era a menina,  
todo dia, fim de tarde,  
folia em cada esquina.

Lá de longe, já se ouvia  
o cantar do realejo,  
flutuava na melodia,  
sonhava com seu beijo.

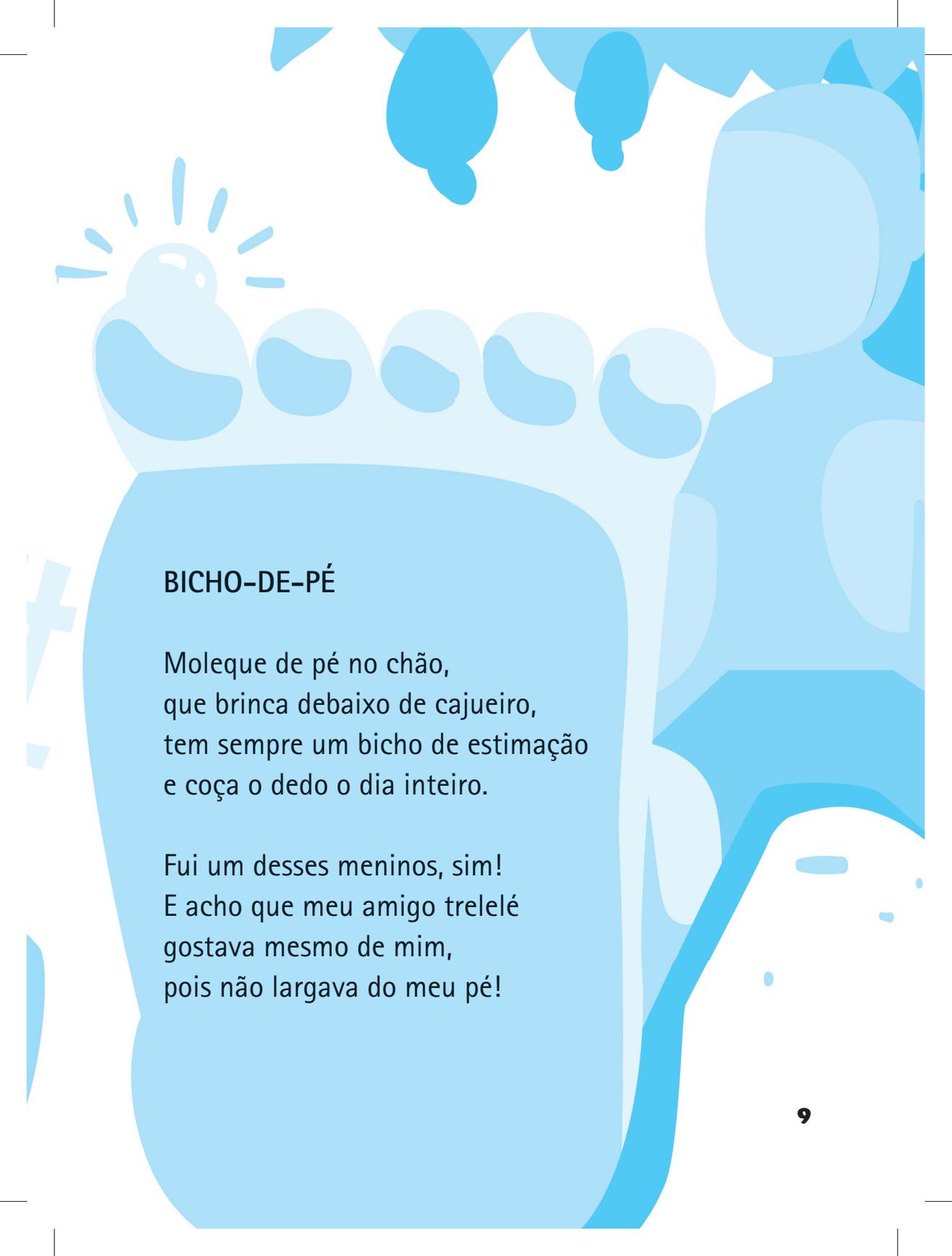
Bem de perto já se via,  
radiante e traquina,  
enfeitando a cantoria,  
o bailado da menina.

Ligeira feito raio,  
delicada feito flor,  
pedia ao papagaio  
um bilhete de amor.

Não sei o que ela lia  
no pedaço de papel,  
meu doce de ambrosia,  
meu pedacinho de céu.

Mal sabia a menina  
de sandália e vestido,  
sertaneja e franzina,  
que eu seria seu marido.





## BICHO-DE-PÉ

Moleque de pé no chão,  
que brinca debaixo de cajueiro,  
tem sempre um bicho de estimação  
e coça o dedo o dia inteiro.

Fui um desses meninos, sim!  
E acho que meu amigo trelelé  
gostava mesmo de mim,  
pois não largava do meu pé!

Mas, minha mãe, a bem da verdade,  
não via com bons olhos nossa amizade.  
O bichinho gostava de um malfeito  
e, para ele, não havia outro jeito:

iodo e agulha quente era a solução.  
Ó que aflição!  
Antes, uma agonia indizível...  
Depois, um alívio indescritível...

Até outro bichinho ocupar seu lugar –  
afinal, a fila tinha que andar.  
Criança, cajueiro e bicho-de-pé:  
trindade com cheiro de chulé!





## MEIO-NORTE

Do sertão, filho de sangue não sou.  
Do ventre da capital que fui parido.  
Malgrado, genuíno é meu amor  
que carrego com orgulho e alarido!

Em seu peito, fartei-me de brio –  
tal cabrito Canindé, tenaz e arredio.  
Tropiquei na aridez do seu chão –  
feito cria Moxotó, fugaz e com aflição.

Nele, aninharam-se meus sentidos –  
do céu de Irauçuba, irrequietas avoantes.  
Dele, uma saudade, um estampido –  
clamor de um passado saudoso e distante.

À sua porta, pedindo estada, bati  
incauto e vacilante, mas não esmoreci.  
De Sobral – a Princesa do Norte –  
a Groaíras, encontrei minha sorte:

o balir da retraída rebanhada,  
o odor da clemente chuvarada,  
a peleja do mormaço com o frescor,  
o firmamento com as cores do amor...

E no cimo da serra, minha flor primaveril:  
perfume de lavanda, paixão juvenil!  
Amor que encanta, acalma e exaspera...  
A mais meiga, a mais doce, a mais bela!

## MEU POMAR

Por onde andei, não tinha jabuticaba...  
Tinha jogo de bola e muita goiaba.  
Por onde corri, não tinha amora...  
Tinha graviola e amor a toda hora.

Por onde pisei, não tinha framboesa...  
Tinha bicho-de-pé e caju na mesa.  
Por onde brinquei, não tinha morango...  
Tinha seriguela e caçada a calango.

Por onde sorri, não tinha cereja...  
Tinha sapoti e quermesse na igreja.  
Por onde chorei, não tinha mirtilo...  
Tinha tamarindo e cantiga de grilo.

Por onde vivi, tinha manga jasmim...  
Rosa, coité, tamaracá e espada.  
Hoje não há frutas em mim...  
Em meu pomar, não existe mais nada.

## PETRICOR

Vem, ventania!  
Em meus ouvidos assovia!  
Sopra no cair do dia  
e a chuva anuncia!

Cheiro de terra molhada,  
perfume de relva orvalhada.  
Minha pele banhada!  
Minha alma lavada!

## RETIRANTES

Juntam a esperança que têm  
e partem da terra combalida.  
Rumam sem nenhum vintém,  
levando consigo as feridas.

Carregam a dor do abandono  
da sua origem e do seu lugar.  
Fogem de um solo tristonho  
que a chuva resiste molhar.

Migram a saudade e o lamento,  
elevam suas preces aos céus.  
Trazem no olhar o sofrimento,  
amargam o desalento ao léu.

Esvaziam as casas e os vilarejos,  
fogem da seca, deixam o sertão.  
Sobram ideais, sonhos, desejos,

faltam-lhes água, governo e pão.

Quara ao sol a carcaça indefesa,  
o desamparo torra na quentura.  
O cenário despojou sua beleza,  
sua fé contenda com a penúria.

A hesitação de um futuro gris  
aplaca-se ante uma convicção:  
no peito age uma força motriz,  
pois são nordestinos de coração!

# **SONETOS**



## BOIADEIRO

Vai, boiadeiro, aboiar o teu sonho  
embrenhado na mata feito rês!  
Trilha de pedra foste riacho uma vez,  
ora és fornalha no calor medonho.

Teu cavalo é afoito e trota rasante,  
enfrenta aroeira, angico e juazeiro,  
desafia palma e peita umbuzeiro,  
galopa ligeiro que nem avoante.

Saudade arretada da mulher amada  
que ficou na casa de taipa a esperar,  
tomando de conta de toda fiarada

e trançando jeitosa a fibra do croá.  
Enjeita tua lida e laça Severina,  
teus nove meninos mais tua menina!

## JANGADEIRO

Jangadeiro, tua morada é o mar,  
cujas ondas desbravas com paixão.  
O arroubo te encoraja a se lançar  
aos perigos com tua tripulação.

Cai a noite e com a brisa vais deitar,  
a saudade faz bater o coração,  
tua jangada resplandece ao luar,  
as estrelas guiam a navegação.

No horizonte, a vela triangular  
beija o vento e conduz a embarcação,  
anzóis, redes de pesca e samburás

recolhem peixes, sonhos e ilusão.  
Brioso, audaz e perseverante:  
valoroso és, meu almirante!

## RENDEIRA

Se eu fosse uma linha, ó rendeira,  
assim como quem não quer nada,  
enroscava em teus bilros, arteira  
e alfinetava sem dó tua almofada!

Tuas mãos ligeiras vão tramando,  
mantendo a salvo a velha tradição,  
com paciência e maestria, passando  
o belo ofício de geração em geração.

Comida que queima, filho que chora,  
cantigas e prosas com tuas vizinhas.  
Pra trabalhar não tem dia nem hora;

bate teus bilros e trama tuas linhas!  
Tua força emana do amor e da dor,  
ó rendeira, muié macho, sim sinhô!



**TROVAS**

## CÉU DE AVOANTE

Céu pintado de avoante,  
nosso açude a secar.  
Meu alento é teu semblante,  
doce polpa do ingá!

## IBIAPABA

No sopé da grande serra,  
ribanceira e cerração.  
Véu de noiva fende a terra  
e pinta oásis no sertão.



## JACARANDÁ

Põe tua veste purpurina,  
ó jacarandá em flor!  
Violeta que fascina  
e arroxeia meu amor.

## LADAINHA

À Virgem, na capela,  
recitei uma ladainha.  
A ti, moça singela,  
a bem-querença minha!

## LUAR

Acende a noite, ó luar!  
Tange o breu e a solidão.  
Pirilampos a bailar,  
estrelas vivas cá no chão.

## MOCIDADE

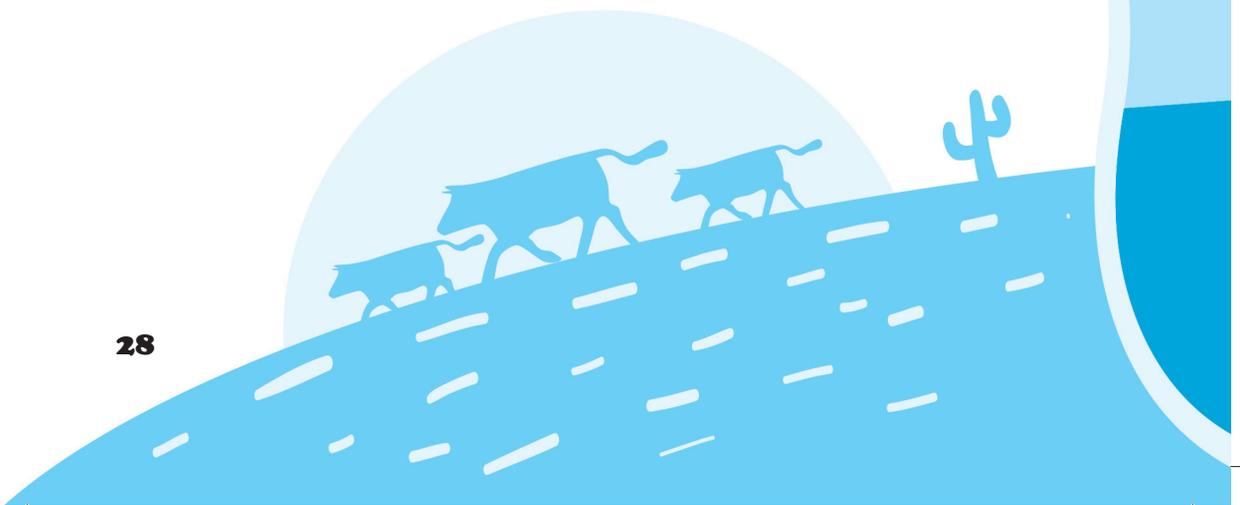
De minha mocidade  
guardo um amor sem fim,  
os afãs da tenra idade  
e a doçura do alfenim!

## TRÊS LAGOAS

Chocalhada e balir,  
petricor no amanhecer.  
Arco-íris a tingir  
o céu azul, meu bem-querer!

## VAGA-LUME

Vaga-lume cintilante,  
lanterneiro dos sertões.  
Faz a noite radiante,  
luz no breu dos corações!



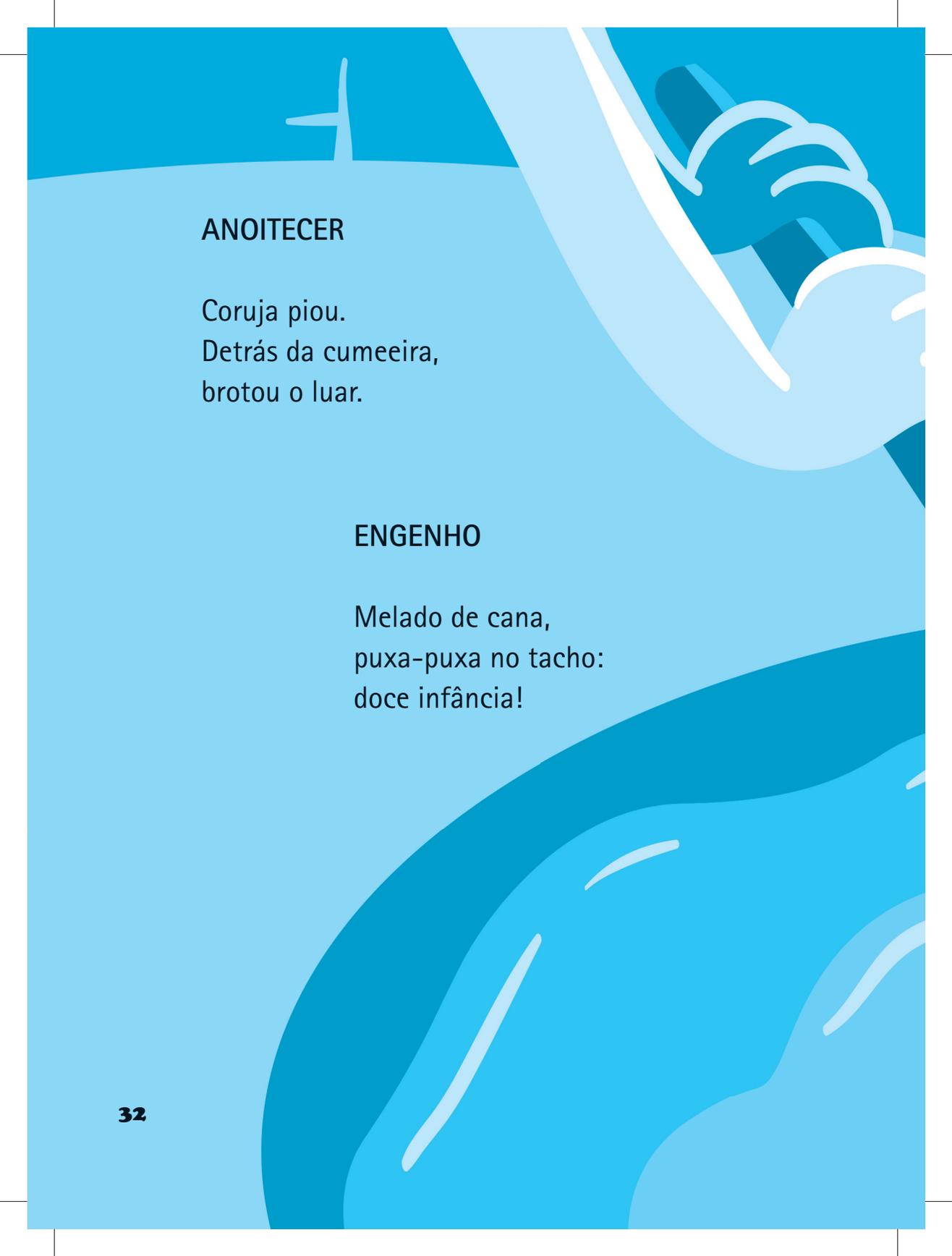
## VAQUEIRO DA MOLESTA

Vaqueiro da molesta,  
caubói do meu sertão!  
Valente que nem presta,  
aboia o gado e a solidão.





**HAICAIS**

The background of the page is a solid light blue. In the upper right corner, there is a stylized illustration of a hand holding a microphone. The hand and microphone are rendered in various shades of blue and white. In the upper left corner, a thin white line represents the mast of a ship. The text is positioned on the left side of the page.

## ANOITECER

Coruja piou.  
Detrás da cumeeira,  
brotou o luar.

## ENGENHO

Melado de cana,  
puxa-puxa no tacho:  
doce infância!





**VERSOS LIVRES**

## A ASA-BRANCA E EU

O sertão:  
seu mormaço crepitante,  
sua solidude inquietante.  
No juazeiro ressequido,  
a asa-branca se empoleira  
com paciência monástica  
a es-pe-rar  
uma gota de alívio vertida do céu.  
Minha paciência também é perene...  
Resignado, aguardo uma chuva  
molhada por teus beijos  
aliviar a torridez da minha alma!  
Um céu anuviado de saudade  
surge em meu horizonte de ficção...  
Um vento morno de desilusão  
sopra na mata em minha direção  
e dispersa meu delírio,  
trazendo a desesperança  
e a solidão...





O céu não chorou gotas de desafogo  
dessa vez.

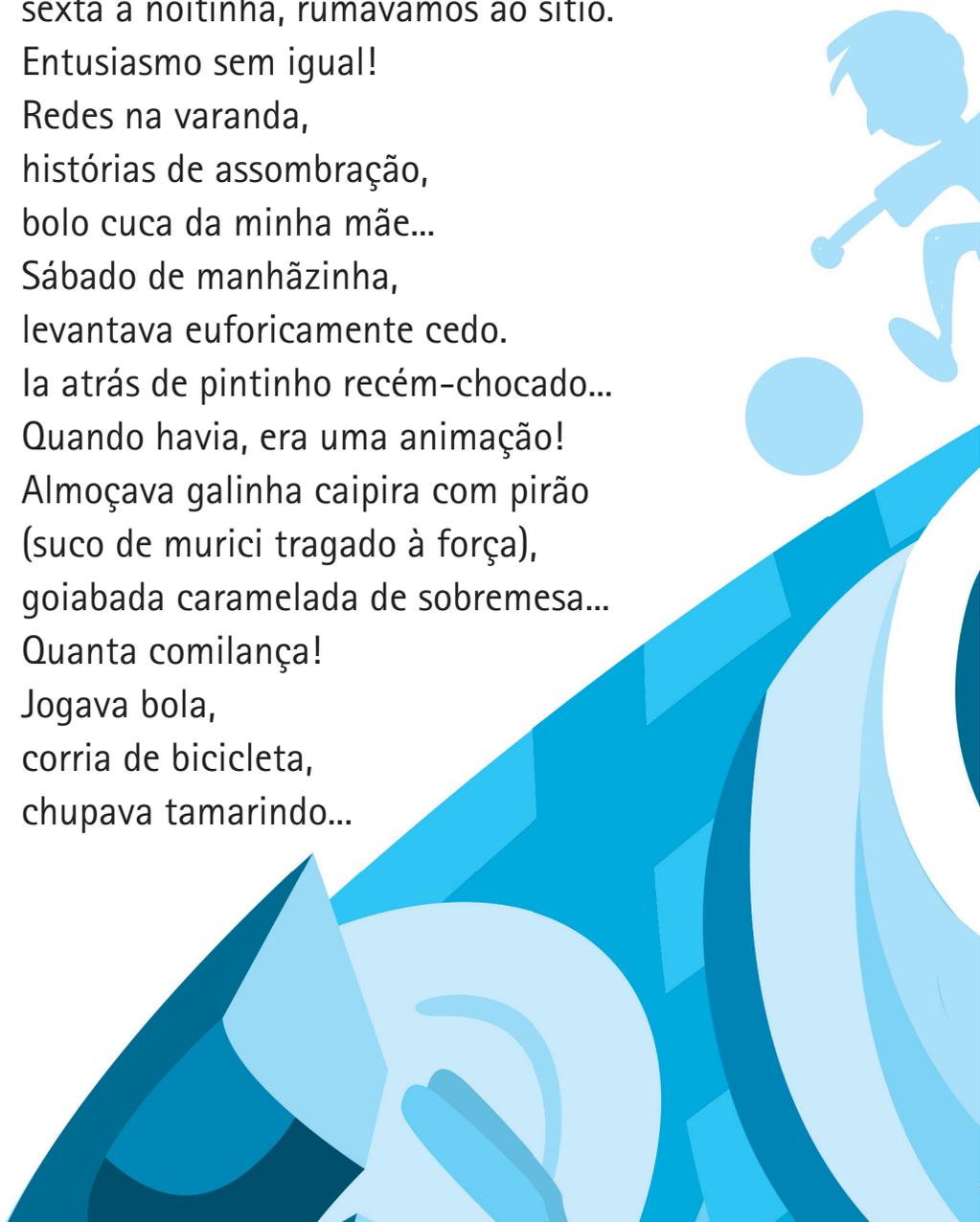
Só meus olhos choraram tua ausência –  
outra vez.

Sigo pousado no galho do juazeiro,  
sem de lá adejar...

Qual a asa-branca:  
a es-pe-rar.

## LÁ NO SÍTIO

Fim de semana era assim:  
sexta à noitinha, rumávamos ao sítio.  
Entusiasmo sem igual!  
Redes na varanda,  
histórias de assombração,  
bolo cuca da minha mãe...  
Sábado de manhãzinha,  
levantava euforicamente cedo.  
Ia atrás de pintinho recém-chocado...  
Quando havia, era uma animação!  
Almoçava galinha caipira com pirão  
(suco de murici tragado à força),  
goiabada caramelada de sobremesa...  
Quanta comilança!  
Jogava bola,  
corria de bicicleta,  
chupava tamarindo...





Que azedume!  
Domingava bebendo café com leite.  
O dia passava solene e melancólico...  
Despedida cheia de saudade.  
Como era bom ser criança...

## MEMÓRIAS DO SERTÃO

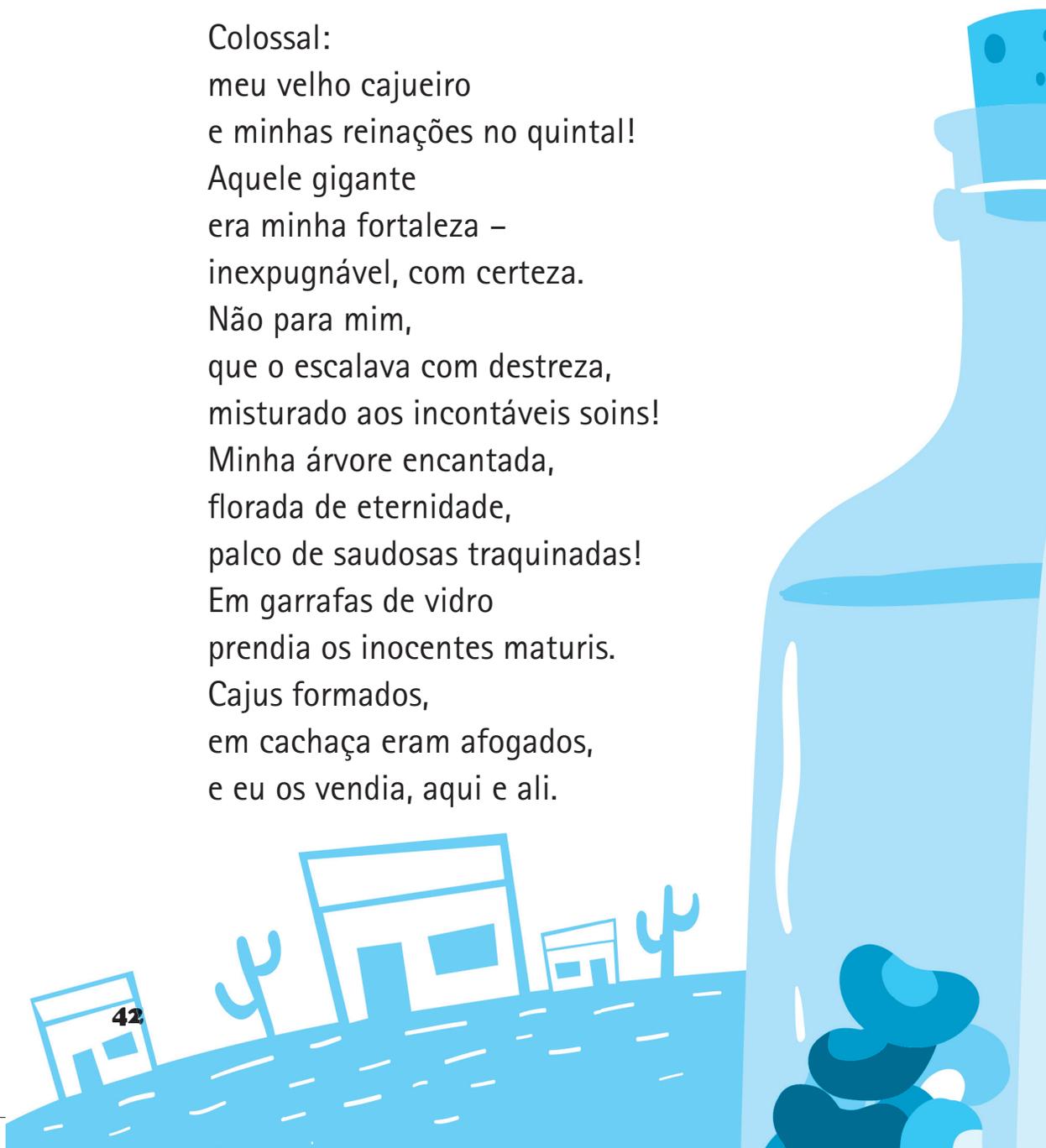
Ai que saudade, sertão!  
Nunca mais te visitei...  
Fui levado de açoite  
a outras cercanias,  
mas de ti nunca olvidei!  
Carrego comigo o bailar esvoejado  
dos morcegos  
nos tetos desferrados;  
o som fremente dos balis  
e o cheiro pujante  
dos fabulosos capris;  
o crepitar da mata ressequida  
e a penúria a roncar  
no vazio da barriga;  
a visão da pequena flor  
no alto da grande serra,  
onde aprazível desabrochou.



É a saudade, sertão!  
Das avoantes, que hoje sei...  
Enquanto houver a noite  
e existir o dia,  
parte una de ti serei!

## MEU VELHO CAJUEIRO

Colossal:  
meu velho cajueiro  
e minhas reinações no quintal!  
Aquele gigante  
era minha fortaleza –  
inexpugnável, com certeza.  
Não para mim,  
que o escalava com destreza,  
misturado aos incontáveis soins!  
Minha árvore encantada,  
florada de eternidade,  
palco de saudosas traquinadas!  
Em garrafas de vidro  
prendia os inocentes maturis.  
Cajus formados,  
em cachaça eram afogados,  
e eu os vendia, aqui e ali.



The illustration features three light blue glass bottles with dark blue stoppers, arranged in a row. The bottles are filled with a light blue liquid. In the background, a dark blue monkey with a white face and chest is perched on a light blue branch. The scene is set against a dark blue background with stylized white clouds. The overall style is simple and illustrative.

Esperava um mês inteiro  
para levar ao bodegueiro.  
Nem via a cor do dinheiro,  
mas ganhava doce de tabuleiro!

## MINHA JANDAIA FUGIU

Minha jandaia fugiu...  
Não quis mais saber de mim,  
nem de água nem de pão.

Cansou da prisão vil,  
entristeceu seu curumim,  
fartou-se de sua solidão.

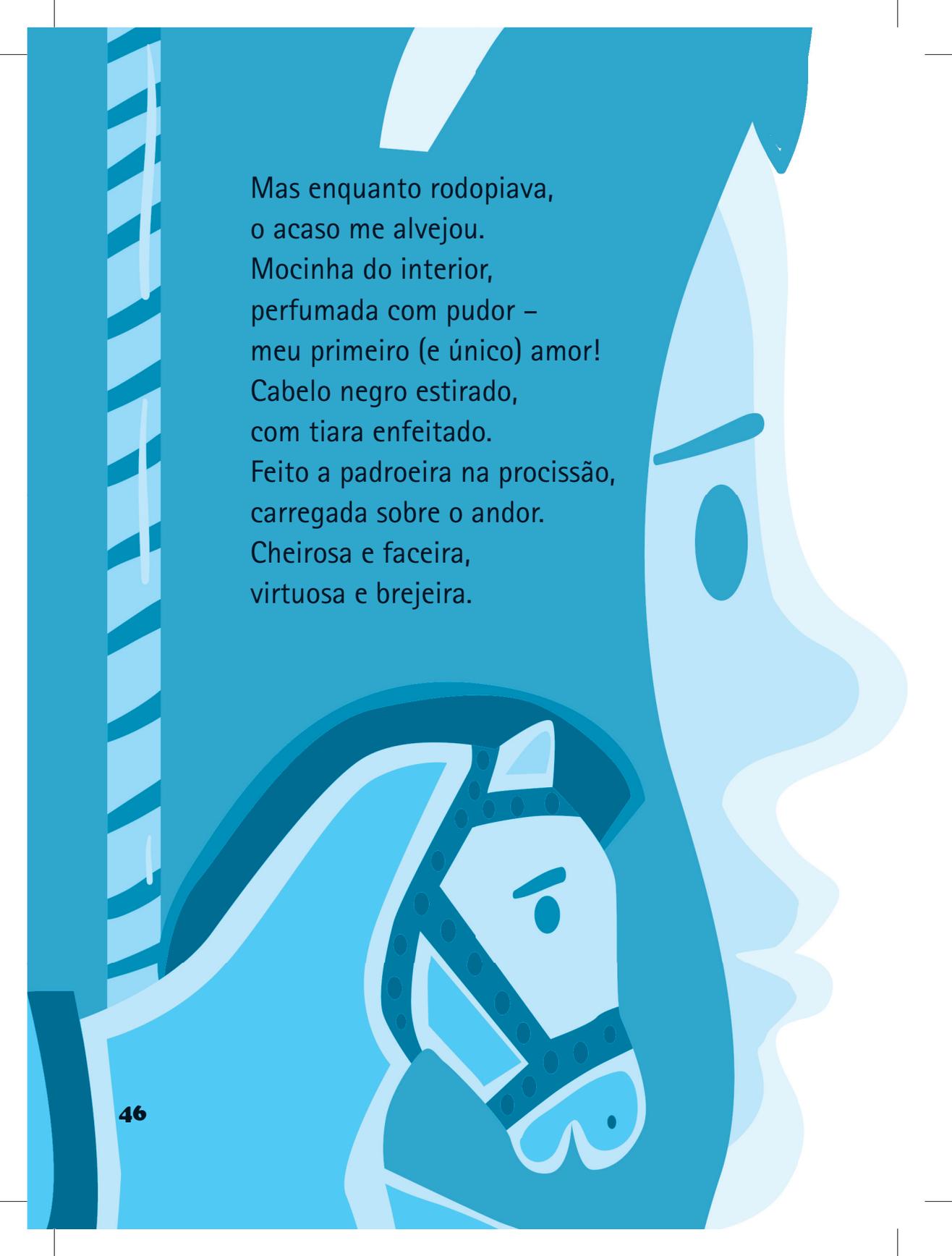
Ai minha jandaia!

Não eras ave-do-paraíso,  
nem mesmo lóris arco-íris.  
Mas partiste sem dar aviso!  
Se meu lamento ouvires...

Onde estiveres, jandainha,  
regressa para fazer-me sorrir...  
Ganhar cafuné na cabecinha,  
bater asas e de novo partir!

## O CARROSSEL

Os sinos da matriz  
bimbalhavam festivos:  
a novena chegara ao fim!  
O rebuliço das beatas  
era a diversão dos querubins.  
No final da missa,  
a paróquia se ajuntava.  
Mil olhos a piscar  
na noite fria e purpurinada!  
Mil vaga-lumes tremeluziam,  
de lá para cá...  
As cantigas afagavam  
meus tímpanos pueris!  
A pipoca e o algodão-doce  
tramavam, ardis!  
Era meu o cavalinho  
mais garboso do carrossel.  
Do alto da minha imaginação,  
comandava terras e céus!

A stylized illustration in shades of blue. On the right, a woman's face is shown in profile, looking towards the left. Her features are simplified, with a large eye and a defined nose. On the left, a horse's head is depicted, facing right. The horse has a dark mane and is wearing a bridle with a bit. The background is a solid light blue, with a vertical striped pattern on the far left edge.

Mas enquanto rodopiava,  
o acaso me alvejou.  
Mocinha do interior,  
perfumada com pudor –  
meu primeiro (e único) amor!  
Cabelo negro estirado,  
com tiara enfeitado.  
Feito a padroeira na procissão,  
carregada sobre o andor.  
Cheirosa e faceira,  
virtuosa e brejeira.



Arrumada pela mãe a contragosto,  
nascida em meados de agosto.  
Vestido branco de organza,  
semblante notório de zanga.  
Ai minha santinha...  
Deixa teu rosário de lado  
e brinca comigo  
no carrossel multicolor!  
Depois, levar-te-ei  
ao barco do amor!  
Há um lugar guardado para ti  
no meu dragão de estimação...  
Nem bem te conheço,  
mas já são tuas  
as continhas do meu coração!

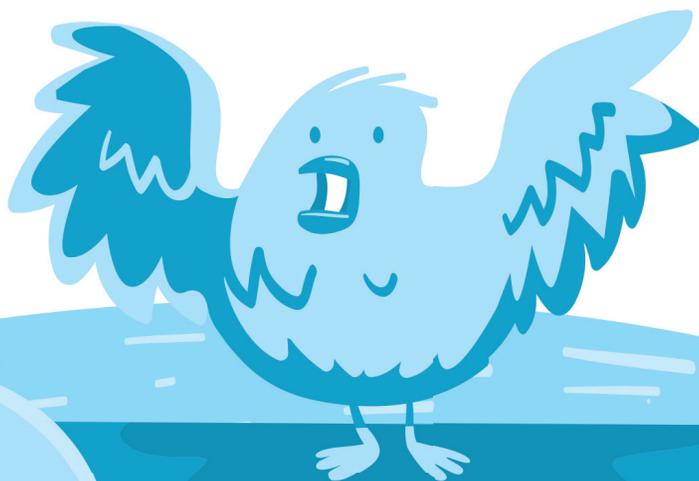
## ONDE CANTA A JANDAIA

Minha terra viceja,  
verde e gris!  
Não crês?  
Então, vê:  
revela-se no gentio,  
com sua bravura;  
inspira-se nas dunas,  
com sua brancura;  
singra pelos rios,  
em sua brandura;  
cresta-se com a seca,  
por suas agruras;  
alenta-se com a chuva,  
em sua frescura.  
Meu coração lateja,  
verde e gris!  
Agora crês?



## PASSARINHO

Quão desavisado aquele bichinho...  
Foi-se aventurar pelas cercanias sozinho.  
Decerto nem avisou a seus pais...  
Seu passeio findou na soleira da minha janela.  
Pintassilgo novinho, saído do ninho...  
Arisco que nem gota d'água em panela ardente!  
Adentrou a casa para fazer balbúrdia!  
O bichinho tinha medo de mim,  
e eu tinha medo do bichinho.



(Que dilema, eu e meu amiguinho!)  
Travesso, ziguezagueava sem parar...  
Até que o céu o chamou:  
assobiando seus lábios de vento,  
estalando seus dedos de luz,  
pintando suas cores azuis.  
E o bichinho voou, lepidinho!  
Afoito qual um menino...  
Obediente feito um cãozinho...  
Vá pintassilgo!  
Encante os quatro cantos com seu trinado!  
Mas quando a saudade gorjear,  
pouse serelepe, cá ao meu lado...  
Até mais ver, querido passarinho!

## ROLINHAS

Ternurinhas...

São vocês, graciosas rolinhas!

Criatura não há,  
no céu ou na terra,  
tão amável e singela!

Fogo-apagou –  
alegravas minhas folias  
com teu gracejo sedutor!

Caldo-de-feijão –  
aplacavas meus sonhos  
ciscando pedras no chão!

Juriti –  
juravas amor eterno,  
porém nunca mais te vi!

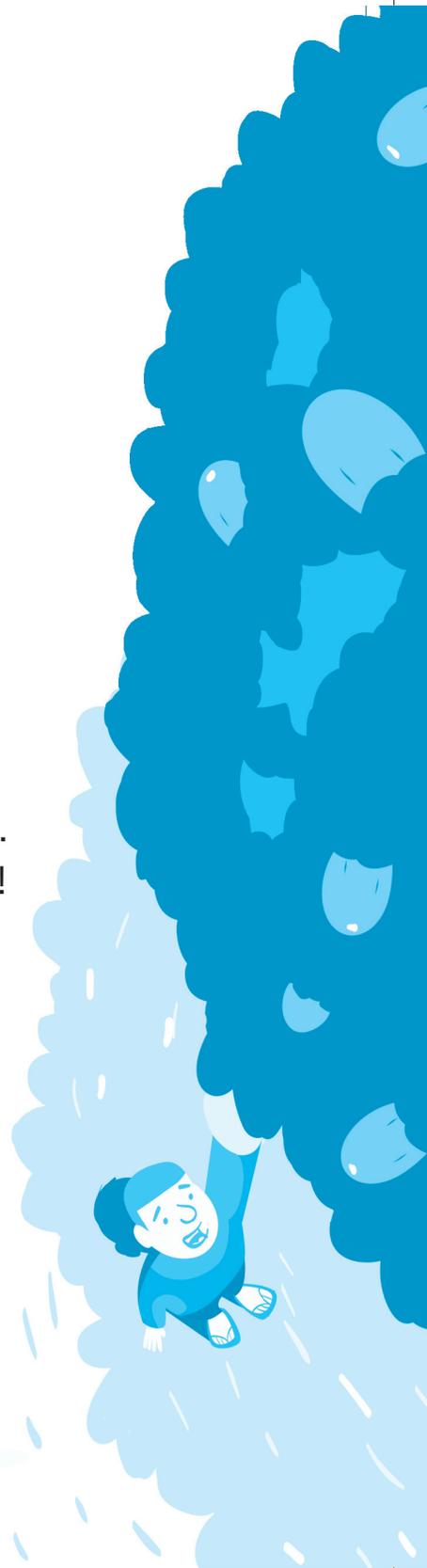
Cascavel –  
tilintavas tuas asas  
arrulhando poemas ao léu!

Onde estão vocês agora?

Regressem ao nosso velho quintal frutado...

Quero-as de volta como antes!

Aqueloutras também!  
Doutro modo,  
não haverá mais sol ou chuva,  
nem lá nem cá...  
Pintem meus dias de alegria  
com sua sutil timidez!  
Pois sua formosura não tem fim...  
Mas o tempo de minha vida, sim!



## TEMPO DE SERIGUELA

No tempo de seriguela,  
subia nos troncos retorcidos  
e uma festa de cores e sabores contemplava.  
Menino de calção rasgado e pés no chão,  
a elas me misturava:  
suculentas e avermelhadas e doces...  
Fartava-me de colhê-las, de devorá-las, de ser  
/criança!  
Tempo que ficou na lembrança...

## UM POEMA

Um poema é uma jornada –  
imponderável...  
Não se sabe quando começa,  
bem assim quando cessa.  
Guarda consigo estradas verdejantes,  
curvas sinuosas  
e caminhos derrapantes.  
Festejos e alaridos,  
clamores reprimidos.  
Feito ópio, desafia a provar.  
O que é incerto:  
o destino, o aportar.  
Sabe-se lá...  
O que é certo:  
sigo, incauto, a pelejar.  
Sou serra, sertão e mar!





## **Frederico Brito**

Meu nome é Frederico Brito e nasci em Fortaleza, Ceará. Terra onde o sol reluz o ano inteiro, de janeiro a janeiro. Sol que faz o litoral brilhar e o sertão estorricar. Vim ao mundo em 1973 – quando se celebra o Natal, no mesmo mês. A literatura faz parte do meu dia a dia. Fui premiado pela Secretaria Estadual de Educação do Ceará com o livro “A sinfonia da Dona Cutia”. Que o jovem leitor encontre em “Terra da Luz: poesia que seduz” um prazer singular: em versos, desvelando nosso regionalismo peculiar. E que, ao final, estreite com nossa terra os laços de identidade, pois poesia não tem idade!



## **Alexandre Jales**

Nasci em Fortaleza, em 1981. Sou designer por formação e ilustrador por paixão. Desde criança já gostava de brincar de desenhar e tinha o lápis e o papel como instrumentos de materialização de um mundo imaginário, em que eu passava horas viajando e não via o tempo passar. Sempre sonhei em ilustrar livros e esse sonho vem sendo realizado por meio de cada traço, cor, forma e vida que surgem em cada história que eu faço parte.